



FRANCISCA CAMELO

A IMPORTÂNCIA
DO PEQUENO-ALMOÇO

FRESCA

FRANCISCA CAMELO

A IMPORTÂNCIA
DO PEQUENO-ALMOÇO

FRESCA

à minha mãe,
por todos os pequenos-almoços.

Among other things, social reproduction includes how food, clothing, and shelter are made available for immediate consumption, how the maintenance and socialization of children is accomplished, how care of the elderly and infirm is provided, and how sexuality is socially constructed.

Johanna Brenner & Barbara Laslett, (1991). *Gender & Society* 5, no. 3, p. 3

Preâmbulo de um pequeno-almoço

*Ó minha mãe dos trabalhos
para quem trabalho eu?
Trabalho mato o meu corpo,
não tenho nada de meu*

Maçadeiras do Meu Linho
(música popular com arranjo das “Sopa de Pedra”)

Desde sempre ouvi dizer que “o pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia”, mas raramente me perguntei: quem é que o preparou? Quem fez de mim, de nós, seres capazes de acção através da energia nutricional e emocional que nos foi fornecida? E o que dizer do trabalho feito para que se pudesse chegar ao momento quase-ritual do pequeno-almoço posto na mesa, fresco, vaporoso, pronto a ser devorado?

Antes do pequeno-almoço, há coisas que inevitavelmente devem ser feitas (esta é apenas uma pequena lista):

- Limpar a mesa do jantar do dia anterior;
- Lavar a louca*;
- Escolher os ingredientes a comprar de acordo com o que ainda sobra no frigorífico;
- Fazer as compras no mercado;
- Saber escolher a fruta amadurecida no ponto certo (é uma ciência escolher a fruta ou os legumes de acordo com aquilo que queremos comer/cozinhar e quando vamos querer fazê-lo: é necessária uma vida para aprender essa ciência e

* a louca, perdão, foi o auto-correct, mas está certo e por isso optei por não apagar;

duas para absorver esta brutal capacidade de planeamento. Talvez por isso se diga que as mulheres falam mais, planeiam e prevêem mais, cometem crimes de uma violência mais ponderada e, por isso, mais perversa;

- Conhecer os segredos das promoções: na minha rua, por exemplo, vendem pão de queijo com desconto “leve 15 pague 10”, mas apenas de 15 em 15 dias e a fruta fica surpreendentemente mais barata na frutaria ao lado do supermercado do que no supermercado - estas são coisas aparentemente inúteis mas fundamentais na preparação do pequeno-almoço quando os recursos são limitados - e por falar em recursos limitados, falo de recursos desiguais e aproveito para perguntar: alguma vez tiveram de decidir entre comprar queijo para o café da manhã ou tampões para estancar a barragem sangrenta?;
- Tal como com a fruta, é importante saber ver, só de olhar pela vitrine, se a côdea do pão estará dura ou demasiado queimada, ou tão quente que não poderá ser fatiada de imediato;
- Voltar para casa (não sabemos quão longe é o mercado e se a mulher foi e veio de carro ou se foi e veio a pé e quanto peso leva com ela, nos braços ou nas costas; também não sabemos se leva o contrapeso adicional da maternidade num carrinho ou numa faixa ao peito ou se estará com pressa para de seguida se dirigir para um trabalho onde ganhará em média, se estiver em Portugal, menos 22,1% do que os seus pares masculinos¹).

Sabemos que volta para casa para fazer o pequeno-almoço, o almoço ou o jantar, mas não sabemos o que lhe dói, se volta para casa porque quer ou porque não tem outra opção, não sabemos se comparte os custos do pequeno-almoço numa

parceria preocupada ou se assume diariamente esse fardo financeiro e solitário para que os filhos que ama possam ir para a escola de estômago forrado, não sabemos.

E é importante reforçar o que mais nos custa aceitar, quase sempre, no que toca aos retratos das adversidades doméstico-afectivas: não sabemos nada, ou sabemos muito pouco - mesmo nas nossas próprias casas, enquanto crescíamos, há tanta coisa que ficará para sempre enterrada no tabu dos segredos do labor caseiro.

Não sabemos muita coisa, é certo, e é uma alegoria da caverna entender que o posto social que nos foi pré-determinado pelo lar onde nascemos e vivemos é fundamental para definição das sombras que contornam (aquilo que julgamos ser) o nosso exterior.

No entanto é certo que, depois de tudo isto (e muito mais que aqui não foi nomeado para vos poupar à extensiva lista do que vem incluído no sistema de reprodução social que conhecemos), o pão, o café, a fruta e o leite estarão na mesa. E nem sempre, mas quase sempre, será uma mulher a pôr esta mesa.

Este livro é uma colectânea de textos (alguns já antes incluídos noutras publicações) escritos a partir do momento em que comecei a reflectir sobre esta e outras questões semelhantes.

Poderão chamar-lhes feministas e isso far-me-á feliz, mas a ser franca, não pretendi com estes poemas mais do que observar e retratar múltiplas faces da análise distanciada (e simultaneamente imersa) do que é existir enquanto mulher: a mulher política (mulher na urbe/objecto/grito vivo), a mulher na arte (mulher artista-musa-quase sempre secundarizada no cânone), a mulher no corpo (o corpo dela, nela e no mundo e as guerras constantes deste (des)enquadramento reprodutor, sem esquecer o prazer de que é capaz).

Finalmente, como não podia deixar de ser, o tema mais difícil de esgravatar, mas eventualmente o mais caro quando

olhamos o mundo da perspectiva de um satélite: o desconforto gradual da mulher nas relações romântico-afectivas (o-colo-o-amamentar-de-quem-ama-homens-outras-mulheres-crianças) assim que começa a entender as dinâmicas de sustento emocional do mundo.

O trabalho emocional, talvez ainda mais invisível do que o trabalho doméstico, familiar e reprodutivo, está vinculado, entre outras coisas, à permanente necessidade de nos explicarmos.

Cada vez que me pedem que explique e justifique ideias que para mim são tão óbvias como a necessidade de um café preto a ferver de manhã (*explica-me então a importância do feminismo*) há um cansaço que cresce [cada vez mais bolorento] e apesar disso a necessidade de me/nos fazermos visíveis urge, portanto volto/voltamos a explicar; outras vezes explicamos porque é que estamos cansadas de explicar e isso é ainda mais exaustivo; outras vezes calamos porque já basta e temos sono mas depois fica a culpa de a dúvida persistir em quem perguntou e de novo o cansaço, muitas vezes o cansaço, quase sempre o cansaço: síndrome crónica de existência de quem luta por algo que pode nunca chegar em tempo de vida - um passeio nocturno solitário e sem medo, por exemplo.

A gradual criação deste quadro - que não é duro, é apenas um vislumbre simplista e *en passant* do que talvez signifique existir enquanto mulher (no meu caso, branca, europeia) no mundo - ensinou-me que não há mulher que não seja *a mulher invisível / que habita todas as molduras*. É, portanto, inevitável o manifesto de identidade adjacente aos poemas que habito: eu não sou eu, eu sou todas.

E às vezes são as legendas que mais falam.

Estes versos são uma mesa pronta à espera de quem virá para o pequeno-almoço do futuro: enquanto isso, a mulher resiste.